Mural Internacional, Rio de Janeiro, Vol.15, e78983, 2024.
DOI: 10.12957/rmi.2024.78983 | e-ISSN: 2177-7314
Resenha

Beckley, Michael; Brands, Hal. *Danger Zone: The Coming Conflict with China*. New York: W. W. Norton & Company, 2022, 246p. ISBN 978–1–324-02130-8.

Beckley, Michael; Brands, Hal. Zona de Perigo: o conflito iminente com a China. Nova York: W. W. Norton & Company, 2022. 246 p. ISBN 978-1-324-02130-8.

Rodrigo Escano[1]

[1]Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. **E-mail:** sousaescano@edu.unirio.br **ORCID:** https://orcid.org/0009-0003-7397-1000.

Resenha recebida em: 05 set. 2023 | Aceita em: 07 jan. 2024.

Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Mural Internacional, Rio de Janeiro, Vol.15, e78983, 2024.
DOI: 10.12957/rmi.2024.78983 | e-ISSN: 2177-7314

RESUMO

O livro aborda a crescente rivalidade entre os Estados Unidos e a China, prevendo um possível conflito num futuro próximo. O principal argumento é de que a China não superará os Estados Unidos como superpotência devido à crise demográfica e a escassez de recursos naturais, bem como o crescimento econômico apoiado em endividamento, e, portanto, pode adotar uma postura mais agressiva para aproveitar a janela de transição de poder antes que ela se feche.

Palavras-chave: China. Estados Unidos. Transição de Poder.

ABSTRACT

The book addresses the growing rivalry between the United States and China, predicting a possible conflict soon. The main argument is that China will not surpass the United States as a superpower due to the demographic crisis and the scarcity of natural resources, as well as economic growth supported by debt, and therefore, it may adopt a more aggressive posture to take advantage of the power transition's window before it closes.

Keywords: China. United States. Power Transition.

Danger Zone: The Coming Conflict with China é um livro escrito por Michael Beckley, especialista em relações sino-americanas e professor da Universidade Tufts, e Hal Brands, especialista em política externa dos EUA e professor da Universidade Johns Hopkins, que aborda a crescente rivalidade entre os Estados Unidos e a China. Apesar do crescimento nas décadas passadas, a economia chinesa estaria mostrando sinais de estagnação, e enfrentará sérias crises na próxima década. A causa de conflito entre os países não seria a Armadilha de Tucídides, onde o risco de guerra entre uma potência em ascensão e uma potência dominante devido ao medo e reação desta, mas sim devido uma eventual ação bélica que a China poderá adotar ao perceber que falhará.

A China enfrenta uma crise demográfica, pois a política do filho único resultou em uma população envelhecida e declínio nas taxas de natalidade. O país terá menos trabalhadores para sustentar aposentados no futuro, prejudicando o crescimento econômico. Além disso, ela está enfrentando escassez de recursos naturais devido à degradação ambiental causada pelo crescimento insustentável. Metade da água dos seus rios e quase 90% das bacias subterrâneas são impróprias para consumo. A segurança alimentar também está se deteriorando, pois mais de 40% das suas terras aráveis sofrem degradação devido ao uso excessivo, e a poluição destruiu quase 20% destas (pp.42-45).

A taxa de crescimento do produto interno bruto (PIB) da China caiu de 15% em 2007 para 6% em 2019. Ainda seria espetacular, mas existem estudos questionando se esta taxa é

Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Mural Internacional, Rio de Janeiro, Vol.15, e78983, 2024.
DOI: 10.12957/rmi.2024.78983 | e-ISSN: 2177-7314

verdadeira, podendo ser metade da estatística oficial. Para piorar, praticamente todo o crescimento desde 2008 resultou do bombeamento de capital pelo governo através da economia. Sem este, ela pode não ter crescido na realidade. A produtividade total dos fatores diminuiu em média 1,3% todos os anos entre 2008 e 2019, o que significa que a China está gastando mais para produzir menos. O resultado é um endividamento massivo: a dívida aumentou oito vezes nesse período, ultrapassando 335% do PIB (pp.49-50).

A China desenvolveu bolsões de excelência econômica graças aos baixos salários e a subsídios generosos. Ela também possui o maior mercado de comércio eletrônico e sistemas de pagamentos móveis do mundo, e alta participação em softwares e equipamentos de comunicações, devido às reservas de mercado impostas e ao enorme mercado interno. Porém, nas indústrias de alta tecnologia, que envolvem a aplicação comercial de pesquisa científica de ponta ou engenharia de peças complexas, a China geralmente contabiliza pequenas parcelas dos mercados globais em comparação com os Estados Unidos e seus aliados (pp.52-53).

A razão pela qual a trajetória da China seria alarmante é porque ela não ultrapassará os Estados Unidos. Nestas circunstâncias, a potência revisionista pode comportar-se de forma mais agressiva, pois sente necessidade de agarrar a oportunidade antes que seja tarde. Quando a janela de transição do poder começar a fechar-se, seus líderes considerarão que mesmo uma investida militar com baixa probabilidade de vitória pode parecer melhor do que uma derrocada humilhante (pp.80-82).

Apoderar-se de Taiwan é o principal objetivo da política externa de Pequim. Se a ilha fosse subjugada, teria acesso a sua indústria de semicondutores e poderia ser usada para projetar poder no Pacífico, fraturando as alianças dos EUA no leste asiático. A sua defesa exigiria que este lutasse a menos de 100 milhas da costa chinesa, mantendo linhas de suprimento extensas contando apenas com algumas bases insulares frágeis. Já a China poderia lançar quase todo seu poderio militar pela proximidade do seu território, tendo linhas seguras de comunicações e reabastecimento. Taiwan e os Estados Unidos estão identificando os principais problemas a serem resolvidos e começaram a se reequipar em conformidade, mas só no início da década de 2030 as reformas começarão a ter impacto. Depois dessa janela militar favorável Pequim nunca terá capacidade de satisfazer sua aspiração (pp.119-123).

A estratégia estadunidense deveria negar à China qualquer possibilidade de sucesso a curto prazo passível de alterar a balança de poder. As questões mais prementes são os esforços dela para forjar um império econômico tecnológico, liderando áreas críticas com potencial para produzir ganhos econômicos e militares, e destruir o *status quo* geopolítico ao tomar Taiwan (pp.146). Ela também deve determinar onde se fará o que for necessário para manter-se à frente de Pequim, em quais cenários e regiões do globo, otimizando os gastos. E necessita ser capaz de impor custos assimétricos, como transformar o Pacífico num “mar de ninguém” ou usar sanções para quebrar indústrias que Pequim construiu a um preço exorbitante, caso este continue seu comportamento revisionista (pp.183-185).

Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Mural Internacional, Rio de Janeiro, Vol.15, e78983, 2024.
DOI: 10.12957/rmi.2024.78983 | e-ISSN: 2177-7314

O argumento central dos autores é que os fatores que permitiram o crescimento chinês nas décadas anteriores acabaram. Por possuir uma população enorme, os custos seriam proibitivos para manter o bem-estar dela diante do declínio populacional e crise ambiental. Considerando o seu endividamento, Pequim teria de escolher onde alocar seu dinheiro: na sua população ou continuar os investimentos nas indústrias-chaves e bombeamento de capital pela economia. No caso desta primeira escolha, não conseguirá alcançar os Estados Unidos tecnologicamente e militarmente, e caso escolha a segunda, correrá enormes riscos de contestação interna e separatismo.

Eles assumem que as indústrias chinesas não conseguirão se tornar líderes nos setores de alta tecnologia antes de 2030, que elas continuarão dependentes do capital do governo e de subsídios, e que a maioria dos investimentos feitos no exterior não trarão retorno, cenário que pode se mostrar equivocado. Eles também são taxativos ao afirmar que a China é uma potência revisionista e que sua principal aspiração seria incorporar Taiwan a qualquer custo, visão que pode ser contestada pelo ausente histórico recente de uso da força na resolução de suas disputas externas.

Os líderes chineses estariam cientes do cenário, o que explicaria suas ações nos últimos anos: empreender uma "expansão mercantilista" reprimindo a dissidência interna, erigindo barreiras protecionistas, tentando assegurar recursos, mercados e influência econômica no exterior (pp.48). Enfim, poderiam ser tentados a uma aventura militar, buscando alteração da balança de poder enquanto a janela de oportunidade ainda é favorável.

Os autores são contrários ao argumento da Armadilha de Tucídides, que costuma ser empregado para descrever as relações sino-americanas, onde os Estados Unidos seria o principal interessado em evitar a ascensão da China, mesmo que se valendo da força. Eles comparam a situação chinesa à Alemanha de 1914 ou o Japão de 1941, relembrando que nestes casos não foi a potência hegemônica que causou o conflito e sim a ascendente buscando explorar uma janela de oportunidade enquanto lhe era favorável (pp.122). Segundo seu argumento, um conflito só interessaria a última, já que os Estados Unidos estão cientes que não serão alcançados.

Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.